



# NÚCLEO SERVOS MARIA DE NAZARÉ

ANO I - Nº 2

SETEMBRO DE 2016

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Av. Dr. Arnaldo Godoy de Souza, 2275 - B. Cidade Jardim - CEP 38400-974 -  
C. Postal 320 - Uberlândia-MG.

[www.nucleoservosmariadenazare.com.br](http://www.nucleoservosmariadenazare.com.br)



## O PERFUME DO BEM

*Psicofonia: Shyrlene Campos*

*Espírito: Bezerra de Menezes*

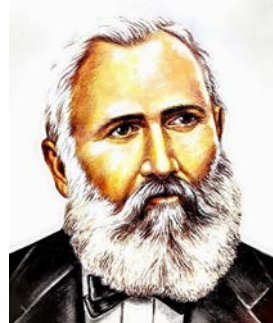
**Q**UANDO Jesus chamou a atenção de seus discípulos para os lírios que floresciaam, falou que eles possuíam um tecido raro, que nem Salomão se vestia com tanta pompa.

O Mestre identificou a pureza dos lírios, não a lama que cobria suas raízes. Ele exaltou a beleza singela das suas formas, não descreveu os vermes que se alimentavam na parte inferior.

Jesus sempre enalteceu o bem. E o bem existe sob todas as formas, em todos os pontos da Terra. De fato, o lírio se alimenta do lodo, porém é tal a pureza de suas pétalas, tal o aroma que exala, que quem quer que passe por um lodaçal coberto de lírios do campo, só vai sentir um agradável perfume.

É assim, meus filhos, que temos que caminhar na Terra. De tal forma devemos nos impregnar da essência do Cristo que quem passar por nós, irá sentir apenas o perfume do bem, jamais procurando nossas raízes do passado, onde o mal ainda viceja e os vermes do egoísmo, da vaidade e da luxúria se reproduzem.

A força gerada, de tanto e tanto nos impregnarmos do Evangelho, fará com que o perfume do Bem, exale de nós, e muitos, ao cruzarem conosco, irão perceber, tão somente, a beleza da Luz do Amor que exala do poder de Jesus!



*Bezerra de Menezes*



## NO ALÉM SOMOS TODOS IGUAIS

*Psicofonia: Shyrlene Campos*

*Espírito: Cotovia*

**E**STAVA na Colônia Nosso Lar quando o José Grosso me disse: “Minha irmã, tenho um caso interessante para você. Primeiro vou lhe apresentar um dos protagonistas e depois o outro”.

Fiquei tão curiosa e entusiasmada, pensando na história maravilhosa de vida, de exemplo que ele iria me contar.

Então, José Grosso foi e

voltou acompanhado de um homem bem rústico e falou:

- Cotovia, eu lhe apresento o coronel Fulgêncio. Ele foi um homem muito poderoso quando estava encarnado. Teve fazenda, escravos que, com o fim da escravidão, deixou que decidissem se iam, ou ficavam e, posteriormente, teve muitos italianos trabalhando para ele. Perto de sua fazenda havia uma

aldeia e um padre conhecido do coronel e ele vai lhe contar como foi a sua vida.

O coronel estava vestindo um casaco de couro que chegava até o joelho. É um privilégio do Plano Espiritual nos vestirmos como desejamos. Podemos usar roupas do século XVIII, XIX, usar espartilho, vestirmo-nos como cigana, espanhola, padre, freira, etc. Ele, com toda a sua opulência, segurando a aba de seu casaco, disse:

- Será um prazer poder conversar com essa nobre senhora.

Eu falei:

- Vamos nos sentar, coronel. Disseram-me que o senhor teve uma vida fascinante, que tinha muito poder e era obedecido até na Corte. Não é verdade?

Ele sorriu, segurou a lapela e falou:

- É verdade, a senhora está sendo verdadeira!

Confesso que naquele instante incensei a vaidade do co-

ronel para poder tirar o máximo de sua história e ele disse:

- Criei filhos que passaram a tomar conta da fazenda, dos agregados. Tive filhas que se casaram com gente muito importante na Corte, até com bacharel que fez curso na França e Portugal. Sou um vencedor, nasci para ser vencedor, para trabalhar na terra, para ser dono de terra, para mandar em gente, porque não é todo mundo, minha cara senhora, que pode mandar em alguém, precisa ter força, fôlego, poder, aí sim, todos trabalham e obedecem.

E eu disse:

- A vida é assim, coronel Fulgêncio. Uns mandam, outros obedecem. Uns trabalham, outros enriquecem. Uns têm poder, outros são dominados. Uns têm banquete com muitos talheres de prata e cristais, outros passam fome debaixo de um teto cheio de buracos.

Ele falou:

- Suas comparações não estão me agradando.

- Mil perdões, conte-me,

então, como foi a sua vida.

- Eu sempre fiz questão de ser um homem livre! Ninguém tem coragem de mexer comigo, nem os padres da igreja. Na minha terra eu mando, na minha terra entra quem eu deixo, lá eu domino.

Naquele instante, eu pensei: “Ele se esqueceu de dizer que era dominado”. A minha sorte era que ele não tem a capacidade de ler pensamento. E ele prosseguiu dizendo:

- Eu só tenho coisas grandiosas para contar, comendas de ouro que eu recebi, viagens à Corte onde eu era respeitado e reverenciado, sem nunca ter dado nada. Ninguém pode dizer que eu comprei qualquer um, imperador, intelectual, chefe de soldado, milícia, nunca comprei ninguém e eu me orgulho disso!

- Coronel Fulgêncio, tem alguma coisa que o senhor gostaria de me falar, que pudesse aumentar o meu conhecimento sobre a sua vida?

Ele falou:

- Isso não basta? Não chega? Eu recebi comendas de ouro, fui um homem que sempre fui respeitado, eu não tenho mais nada para falar!

Então, o José Grosso se aproximou e disse:

- Agora você vai conhecer o restante da história.

Bateu a mão no ombro do coronel e falou:

- Coronel, seu poder vai longe!

Ele me levou até outra ala da Colônia e falou:

- Esse aqui é o padre Cirino, ele foi o pároco do lugar, ele perdeu lá no sertão onde o coronel Fulgêncio mandava.

O padre Cirino, na mesma hora, ficou de cabeça em pé e falou:

- Mas o que houve?

- E o José Grosso falou:

- Essa é nossa irmã Cotovia, ela está contando histórias do Nordeste. Como o senhor foi um pároco muito desvelado numa cidadezinha pequena do sertão, eu gostaria de deixá-los

à vontade para o senhor conversar com ela.

O José Grosso se afastou e eu falei com o padre Cirino.

- Sua benção, padre.

- Deus a abençoe, minha filha.

- Padre Cirino, gostaria tanto de saber sobre o trabalho do senhor naquele lugarejo, entre os pobres, entre os fazendeiros poderosos e junto com o coronel Fulgêncio.

- Olhe, muitas vezes fui aos jantares na casa do coronel Fulgêncio, homem mau, sovina, que enterrava dinheiro, homem sem alma e coração.

- Padre, mas por que motivo o senhor ainda ia à casa dele?

- Para ver se eu dominava aquela alma. Eu dizia para ele:

- Gostaria que você pudesse ter piedade dos pobres que a igreja cuida. Você poderia ajudar nossas obras pias.

Eu tinha vontade que ele fosse as missas, mas nunca foi, nunca pagou um concerto na igreja, nunca deu um santo para

a igreja, nunca deu um banco de madeira para a igreja.

- E o senhor ainda continuava indo aos jantares?

- Eu ia porque eu sou cristão!

E o padre Cirino, certamente, devia comer muita leitoa a pururuca, muita comida gostosa, mas segundo ele nunca levou da fazenda do coronel Fulgêncio nem um litro de mel, nenhum queijo, cacho de banana, nada! Ele acabava de comer e o coronel falava:

- Encheu a pança, já pode rezar!

- Aí eu abaixava a cabeça, pegava a mula e voltava ao vilarejo. Porém os outros fazendeiros eram muito bons para a igreja, eles compravam incenso, pintavam a paróquia toda, davam-me comida, conforto, eu tinha todo conforto porque eles eram muito cristãos, muito devotos, muito bons.

Eu perguntei:

- Mas eles também tinham imigrantes italianos e escravos

negros?

- Sim, mas isso é lei da sociedade, minha filha. Para manter essa terra plantada, é preciso de mão e a mão que planta é aquela que também come o que plantou na terra.

Eu falei:

- Às vezes não, padre...

- Se não comeram do que plantavam, eu não tenho nada a ver com isso, porque viviam lá e lá trabalhavam.

Aí tive uma grande curiosidade e falei:

- Padre Cirino, o senhor está em uma ala do Nosso Lar e o coronel Fulgêncio em outra ala, vocês não se encontram?

- Eu quero esquecer que conheci aquele homem. Você acredita que ele morreu amaldiçoado e eu, abençoado pelo Cristo? Sou sacerdote, por isso morri abençoado. No entanto, quanto morri, encontrei-me com o coronel Fulgêncio. Acho que foi ele que preparou aquele lugar para mim.

- Mas como foi isso, padre Cirino?

- Ele gritava e eu procurava rezar. Nós estávamos num lugar tão escuro, tão frio que eu falava:

- Por favor, acendam uma vela. Por favor, acendam uma vela.

E ele falava:

- Se acenderem eu asso-pro.

E eu falava:

- Por favor, Deus meu, socorre-me.

- E ele falava:

- Deus não vai socorrer você, nem a mim.

Eu perguntava:

- Mas por quê?

Ele dizia:

- Porque você explorou todos os fazendeiros. Podia passar por todas as terras, todas as fazendas. Viajava para a Corte, para Portugal e França e quando voltava queria arrancar dinheiro de todos. O senhor só queria dinheiro. Não possuía obras pias!... O senhor só tinha aquela igreja naquele lugarejo.

Eu respondia:

- Ah, mas eu tinha muitos compromissos com a igreja.

Ele retrucava:

- Que compromissos, padre? Se eram as rezadeiras que limpavam a igreja, se eram as rezadeiras que plantavam palmas e flores e cuidavam de tudo!... Quais eram os seus compromissos?

Um dia, respondi para ele:

- O compromisso de ser o pastor daquelas almas.

E ele, olhando para mim, disse:

- Mas onde estão as almas que o senhor salvou? Eu não estou vendo nenhuma aqui, nenhuma!...

Eu respondi para ele:

- Pois você se engana, pois agora eu vou fazer uma oração que eu vou arrancar de dentro de mim, como Jesus no Sermão do Monte e comecei a rezar: “Jesus, meu Bom Pastor, Pastor de almas endurecidas que não cumpriram seus compromissos na Terra, que não tiveram piedade dos mais fracos, que não reconheceram o trabalho dos

mais pobres, daqueles que tiveram fé, mas que quando precisavam de usar essa fé, eram fracos e caíam. Senhor Jesus, Senhor de todas as almas, escute a minha alma que pede”.

Naquele instante, uma luz intensa apareceu onde eu estava e eu vi descendo, como se descesse do ar, pessoas vestidas de branco.

Aí eu segurei forte no braço do Fulgêncio e disse:

- Está vendo, coronel, está aí a resposta! Os anjos do Senhor vieram me levar.

Entretanto, eu tentei soltar a mão do braço do Fulgêncio, mas não conseguia. Estava preso de tal forma que comecei a dizer para ele:

- Solte-me.

- E ele disse:

- Se você vai com os anjos, eu também vou!

Mas eu lhe disse:

- Você não vai com os anjos, você é um homem sovina, você é um homem que nunca deu nenhum pão para alguém, nunca comprou um santo!



Todavia, ele repetiu:

- Se você vai com os anjos, eu também vou!

A minha mão não soltava do braço dele, contudo falei:

- Senhor, livre-me desse coronel. Tenha pena desse seu pastor de almas.

Então, a luz aproximou-se, iluminou o Fulgêncio e a minha mão não soltou.

E ele disse:

- Eu lhe disse, padre! Nós somos iguais!... nós somos igualzinhos. Você pedia e guardava e eu guardava o que recebia. Agora, para onde você for, eu vou também.

Nisso a luz começou a ficar nebulosa, a diminuir de intensidade, e eu voltei a pedir: “Meu Bom Pastor, meu Jesus, eu não me importo que o coronel Fulgêncio vá junto comigo, tenha pena de mim, leve-me desse lugar tão frio e escuro, onde tantas pessoas gritam e, quando falamos, mandam-nos calar. Ajude-me!

E acabamos em leitos localizados um ao lado do outro.

Quando percebi que o coronel estava ao meu lado, botei para quebrar, e falei:

- Anjos do Senhor, o que esse coronel malvado, sem coração, sem piedade, está fazendo ao meu lado?

Aí chegou esse sertanejo que dava até medo, mas que hoje não tenho medo dele, porque ele é manso, e falou:

- Eu também sou sertanejo e vou lhe falar. O coronel Fulgêncio será ajudado do mesmo modo que você será, padre Cirino, enquanto vocês estiverem doentes, ficarão lado a lado.

Nisso chegaram dois médicos, enfermeiras, dois padres e eu falei:

- Estou bem, vou ficar de pé, estou pronto para sair daqui. No entanto, quando sentei na cama, desmoronei, cai no chão, parecendo um boneco de papel todo desmanchado pela chuva. O coronel também tentou levantar e caiu.

Comecei a orar e ele tapou os ouvidos e disse:

Não tem jeito de parar essa

cantoria, essa oração?

Eu disse para ele:

- Fique quieto, coronel, pois o que eu mais quero é ficar livre do senhor.

Um dia o coronel Fulgêncio falou:

- Eu estou cansado de você, padre, a coisa que mais quero é que esses padres que estão cuidando de você levem-me para um lugar bem longe, onde tenha fazendeiros sertanejos... Gostaria de ir para qualquer lugar longe de você.

Então os padres o levantaram e foi o adeus mais gostoso que eu dei na vida! Eu disse para ele:

- Adeus coronel Fulgêncio, vá procurar os seus que eu vou procurar os meus.

Eu estou aqui com os padres e tenho aprendido muito. Ele está lá na outra banda da colônia onde eu não vou. Por isso, estou em paz!...

E eu disse para o padre Cirino:

- Ele também está em paz. O senhor acredita que ele não

fez nenhum comentário sobre o senhor?

- Claro, ele é um demônio. Como é que um demônio vai falar de um padre?

Então, eu abracei o padre Cirino e falei:

- Sua benção padre.

- Deus a abençoe, minha filha.

Sai pensando naquela situação. Se o padre não queria falar sobre o coronel Fulgêncio e o coronel não queria falar nada sobre o padre, é porque todos os dois tinham um complexo de culpa enorme. O padre, por não ter aberto mais a mão, e o coronel Fulgêncio, por não ter nunca aberto a sua mão para ajudar as pessoas necessitadas.

O coronel não precisava ajudar a igreja, mas poderia ajudar aqueles que trabalhavam para ele, poderia ter proporcionado melhores condições de vida para eles, valorizá-los, fazer surgir no rosto das crianças, filhos de seus trabalhadores, aquele sorriso de alegria.

A vida é feita de linhas pa-

ralelas, mas sempre tem aquele ponto de encontro onde nossas almas se encontram, onde nossas almas sofrem, aprendem e elevam-se.

Esta é uma história do mundo para o mundo, uma grande lição que recebi, uma grande lição! Um padre, no Plano Espiritual tendo contato com a imortalidade do espírito. Ele não era uma alma destinada ao Céu, nem ao purgatório. Assim como o coronel Fulgêncio, ele era uma alma destinada a um setor de expiação, porque, quantas vezes, esse padre ouviu a dor e mandou rezar duzentas Aves-Marias, quanto maior a dor mais ele mandava rezar o Pai Nosso, quando, na verdade, não é a oração que nos salva, o que nos salva, na verdade, são as nossas atitudes assumidas diante da vida, as preces fervorosas que fazemos por nós e pelos outros, é aquele conhecimento tão lindo que já havia nos primórdios do Evangelho que era o conhecimento da sobrevivência do espírito. Como poderia

Jesus, Nosso Mestre, expulsar os demônios se eles já não tivessem tido uma vida como encarnados?

Deus não criou os demônios!... Eles são pessoas que já foram encarnadas, que estão na erraticidade. No entanto, isso foi abafado com o passar dos séculos, porque estava escrito que o Consolador Prometido chegaria.

O Espiritismo é uma religião privilegiada, superior a todas as religiões?

Absolutamente não!... O Espiritismo é uma religião que nos dá responsabilidades, que nos dá respostas para as nossas dores, para as nossas enfermidades. É uma religião que esclarece porque alguns são tão felizes e outros são tão infelizes. Explica porque em uma casa nasce uma pessoa com saúde e outra enferma. Encontramos muitas respostas na Codificação. Aquele que quer realmente ser espírita, que saiba seguir os passos de Jesus, praticando a Caridade do despren-

dimento. Às vezes, o desprendimento não é só ouvir a dor, é dar solução para a dor, é ajudar a pessoa a não sofrer tanto, é saber que alguém passa fome e dar comida para esse alguém, é saber que uma criança está em risco e colocá-la em segurança, é sabermos que todos nós desempenhamos um papel muito importante no mundo, que não existe outra pessoa igual a nós, pois nós somos únicos, nós somos almas eternas, aprendendo

como melhor viver na escola da reencarnação. Na vida, quem foge da luta é desertor e quem enfrenta, é herói, é vencedor.

Existem muitos coronéis Fulgêncios e padres Cirinos por aí. O importante é sermos irmãos, aprendermos as lições do Evangelho do Senhor e sabermos que sem Nosso Mestre não conseguiremos, jamais, levar o barco frágil da nossa vida até o porto seguro com Deus.

---

## A CARIDADE EM AÇÃO!



**O Núcleo é reconhecido como Utilidade Pública:**

**Municipal:** Lei nº 4362 de 11/07/86

**Estadual:** Lei nº 12.877 de 17/06/98

**Federal:** Lei nº 485 de 15/06/2000

**Conta Bancária:** Banco do Brasil S/A

**Conta Corrente:** 5314 - 7

**Agência:** 2918 - 1

Uberlândia-MG

---